

MARIA CLAYDE TEIXEIRA BARROSO E A PROFISSIONALIZAÇÃO DA ENFERMAGEM NO NORDESTE BRASILEIRO (1937-1978)¹

MARIA CLAYDE TEIXEIRA BARROSO AND THE PROFESSIONALIZATION OF NURSING IN NORTHEAST BRAZIL (1937-1978)

Luiz Otávio Ferreira*
ulume2@gmail.com

Ricardo dos Santos Batista**
kadobatista@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar parte da trajetória profissional de Maria Clayde Teixeira Barroso, vinculando-a ao processo de institucionalização da Enfermagem no Nordeste brasileiro. São utilizados como fontes relatórios da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), sua ficha de admissão na EEUSP, o cartão de bolsista na Fundação Rockefeller e uma entrevista a Haydée Guanais Dourado, realizada por Therezinha Vieira, em 8 de setembro de 1993. Utiliza-se, o método "onomástico" ou a utilização do nome "como fio condutor" para a investigação histórica, conforme propõe Ginzburg (1991). A análise do percurso realizado por Maria Clayde revela aspectos gerais da constituição da enfermagem no país, com ênfase na trajetória de bolsistas do Serviço Especial de Saúde Pública, mas também as especificidades do indivíduo. Visibiliza-se uma mulher ainda não estudada na historiografia, ao mesmo tempo em que revela seus anseios e suas aspirações profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: História da Enfermagem; SESP; História das Mulheres.

ABSTRACT: This article aims to analyze part of the professional trajectory of Maria Clayde Teixeira Barroso, linking it to the process of institutionalization of Nursing in the Brazilian Northeast. Reports from the School of Nursing of the University of São Paulo (EEUSP), his admission form at EEUSP, his scholarship card at the Rockefeller Foundation and an interview with Haydée Guanais Dourado, conducted by Therezinha Vieira, on September 8, 1993. The "onomastic" method is used, or the use of the name "as a guiding thread" for historical research, as proposed by Ginzburg (1991). The analysis of the trajectory undertaken by Maria Clayde reveals general aspects of the constitution of nursing in the country, with emphasis on the trajectory of scholarship holders from the Special Public Health Service, but also the specificities of the individual. A woman not yet studied in historiography is visible, at the same time that she reveals her desires and professional aspirations.

KEYWORDS: History of Nursing; SESP; History of Women.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar parte da trajetória profissional de Maria Clayde Teixeira Barroso (11/09/1923), enfermeira cearense diplomada na década de 1940

¹ Este texto é fruto das pesquisas intituladas "A trajetória de Haydée Guanais Dourado (1915-2004) e a institucionalização da enfermagem moderna no Brasil, 1938-1988" e "A Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e suas conexões internacionais (1942-1960)", financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, processos 402828/2021-6 e 150221/2022-3.

* Docente no Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo.

** Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia.

pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), bolsista financiada pela Fundação Rockefeller para estudo no exterior e professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) entre 1947 e 1978. O interesse pela trajetória de Maria Clayde Teixeira Barroso decorre do fato de sua experiência profissional estar historicamente localizada em uma fase de mudanças no processo profissionalização da enfermagem no Brasil. Entre as décadas de 1940 e 1970 foram implantadas políticas para intensificar a formação de profissionais de enfermagem no País. Na década de 1940 surgiu o Programa de Enfermagem conduzido pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e na década de 1970 foi implantado o Projeto de Enfermagem do Grupo Setorial de Saúde vinculado ao Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (SESUIDAU/MEC).² Embora atuantes em contextos políticos e institucionais distintos, ambos foram criados a partir da constatação de que a enfermagem era uma profissão numericamente deficitária. Por isso, os dois programas tinham um objetivo comum: dar condições para a criação de novas escolas de enfermagem e, assim, ampliar o número de profissionais diplomados. Entre 1943 e 1975, os estados situados na região Nordeste foram considerados prioritários e contemplados pelas políticas de expansão quantitativa e qualitativa de enfermagem, com a criação de oito escolas de enfermagem e quatro cursos de graduação universitários (PADILHA et al., 2014).

O estudo da trajetória profissional de Maria Clayde Teixeira Barroso trata, portanto, do processo de institucionalização da enfermagem na região Nordeste, focalizando a questão da adesão à profissão, em que tiveram importância fatores como origem familiar, representações e normas de gênero sobre a profissão de enfermeira e, também, os incentivos e oportunidades profissionais proporcionados às mulheres que se dispusessem a se tornar uma enfermeira. Utilizam-se como fontes relatórios coletados no Centro Histórico-cultural da Enfermagem IberoAmericana, da EEUSP; sua ficha de admissão na EEUSP³; o cartão de bolsista da Fundação Rockefeller e uma entrevista à enfermeira Haydée Guanais Dourado, realizada por Therezinha Vieira, em 8 de setembro de 1993.

² Sobre o Projeto de Enfermagem do Grupo Setorial de Saúde vinculado ao Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (SESUIDAU/MEC), ver Paim (2001).

³ A ficha de admissão de Maria Clayde Barroso foi consultada na Secretaria Acadêmica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

As fontes são registros institucionais analisados a partir do método "onomástico", da utilização do nome como "fio condutor da pesquisa", conforme proposto por Ginzburg (1991). O autor destaca a relevância de considerar o "nome" na investigação dos sinais deixados pelos indivíduos no tempo. Assim, o guia que orientou a pesquisa em arquivos nacionais e internacionais foi o nome da enfermeira Maria Clayde Teixeira Barroso. Também foram considerados, de forma secundária, outros nomes de enfermeiras relacionadas à trajetória da profissionalização da enfermagem no Brasil.

Além desta introdução, o texto conta com mais duas seções e considerações finais. Na primeira sessão são compiladas informações sobre a origem social da enfermeira e as motivações que a influenciaram a cursar enfermagem na EEUSP; na segunda é discutida sua passagem pela EEUFBA e a viagem realizada aos Estados Unidos. E, nas considerações finais, faz-se um balanço sobre as contribuições que essa trajetória oferece para a compreensão da institucionalização da Enfermagem no Brasil.

Uma jovem de Itapipoca vai a São Paulo

Filha de Maria Odete Teixeira Barroso e de Hildeberto Barroso, Maria Clayde Teixeira Barroso nasceu em 11 de setembro de 1923 na cidade de Itapipoca, Ceará, a aproximadamente 117 km de Fortaleza. Seu pai, fazendeiro e comerciante local nascido em 1894, participou das disputas oligárquicas na Primeira República cearense. Segundo Medeiros (2013), nos quase vinte anos que se seguiram à deposição da oligarquia dos Accioli, de grande influência no Ceará, um período de estabilidade política parece ter se consolidado em Itapipoca. No período de domínio dos democratas a cidade teve muitos avanços, ainda que conflitos armados tenham continuado a ocorrer, principalmente após 1926.

Em 1928, Hildeberto Barroso, político conservador, foi indicado para o cargo de tabelião público. Naquele momento, os conservadores retornavam à cena política de Itapipoca, mas com a mudança de regime político decorrente da chamada "revolução" de 1930, o município perdeu completamente sua autonomia, o que dificultou os canais de acesso ao poder para as elites locais. Hildeberto se elegeu deputado constituinte pela Liga Eleitoral Católica, em 1934, sendo o único político do município de destaque no movimento. No regime pós-1945, ele retornou à cena pública, eleito deputado constituinte, em 1947, e com o

objetivo de construir a carreira política de seus filhos Antônio Danúsio Barroso e Gerardo Barroso (MEDEIROS, 2013, p. 113).

Maria Clayde vivenciou a infância em meio ao fortalecimento político de seu pai naquela região. Ela estudou o curso primário no Grupo Escolar Anastácio Alves, interrompido ao se mudar para Fortaleza com o intuito de prestar exame admissional para o curso seriado. Dos 14 anos, em 1937, até os 18, em 1941, frequentou o ensino secundário na Escola Normal Justiniano de Serpa, na capital cearense, mesmo local em que fez o curso normal, concluído em 1943 (FOLHA, 1944). Nesse período, morou na casa de seu tio Isnard de Souza Teixeira e se dirigiu para São Paulo, em 1944, onde ingressou na segunda turma da EEUSP. É muito provável que a influência política alcançada por Hildeberto Barroso tenha influenciado a migração de Maria Clayde em busca de estudo e de uma formação profissional.

Na passagem do século XIX para o século XX, as características socioculturais das mulheres que praticavam a enfermagem no Brasil indicam que se tratava de uma atividade (um ofício) que não exigia formação especializada. Segundo Luiz Otávio Ferreira (2020), podia-se definir as enfermeiras como:

Um grupo heterogêneo de mulheres que compartilhavam status e experiência em comum, mas que era uma mistura diversificada de praticantes de diversas origens socioeconômicas e raciais. Eram mulheres livres ou escravas, brancas ou negras, brasileiras ou estrangeiras. A maioria não havia recebido nenhum tipo de educação específica para trabalhar como enfermeira. Embora a posse do diploma fosse um capital cultural que começava a ser valorizado, as mulheres enfermeiras não eram profissionais. Na verdade, a profissão de enfermagem não estava institucionalizada no país (FERREIRA, 2020, p. 2).

Na década de 1920, com a criação da Escola de Enfermeiras Departamento Nacional de Saúde (DNSP), posteriormente denominada Escola de Enfermeiras Anna Nery (EEAN), se observa a crescente feminização e a elevação do nível social cultural das profissionais da enfermagem. Na EEAN, instituição de ensino superior estatal patrocinada pela filantropia científica da Fundação Rockefeller⁴, se implantou o padrão de enfermagem profissional eleito

⁴ Antes da Organização Mundial da Saúde ser fundada, em 1948, a International Health Division (IHD) da Fundação Rockefeller foi, sem dúvida, a agência mais importante do mundo no trabalho em saúde pública. Ela e seus precursores defendiam um conceito primordial, sobre o qual raramente divergiam: a doença era o fator determinante de problemas de saúde e a saúde só podia ser alcançada pelo controle ou eliminação de doenças transmissíveis (Farley, 2004, p. 5)

como modelo a ser seguido pelas demais escolas de enfermagem brasileiras. Foi o surgimento de um grupo social específico formado pelas chamadas “enfermeiras diplomadas”.

O objetivo da nova escola de enfermagem era institucionalizar a formação profissional moderna que agregava a enfermagem hospitalar inglesa (padrão *nightingale*) e as peculiaridades desenvolvidas na enfermagem norte-americana, em que se enfatizou o papel sanitário das enfermeiras. Contudo, ao longo da década de 1930, houve conflitos entre as enfermeiras norte-americanas e as chamadas “enfermeiras nativas” formadas na Anna Nery (BARREIRA, 1999). Além disso, sucessivas reformas e impasses institucionais e administrativos decorrentes da organização do Ministério da Saúde e Educação, e da implementação de políticas de educação e saúde pertinentes à enfermagem, contribuíram para inibir a institucionalização da profissão.

Com a criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), uma agência bilateral Brasil/EUA, foi possível reestabelecer o vínculo perdido na década de 1930 entre o processo institucionalização da profissão de enfermeira no Brasil e a Fundação Rockefeller. O SESP foi criado no contexto da “Política da Boa Vizinhança”, com a circulação da ideia de cooperação interamericana recorrente no discurso político estadunidense (CAMPOS, 2006; CAMPOS, 2008; TOTA, 2020). O Brasil foi um dos países que estabeleceram relações duradouras com os norte-americanos, especialmente pela atuação do The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA), criado por Franklin Roosevelt, em 1940, dirigido por Nelson Rockefeller e inicialmente denominado Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas. No ano seguinte, passou a se chamar OCIAA e, em 1944, foi intitulado Office of Inter-American Affairs (TOTA, 2020). A política de cooperação em saúde foi proposta por meio do Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA) (CAMPOS, 2008).

O SESP atendia aos interesses dos norte-americanos e, ao mesmo tempo, às aspirações do programa de desenvolvimento nacional do presidente Getúlio Vargas. Os Estados Unidos desejavam frear a influência alemã no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, instalar bases militares no Nordeste e controlar a produção de matérias-primas estratégicas brasileiras. Com isso, os soldados norte-americanos estacionados no Brasil e os produtores de borracha e minério de ferro precisavam ser protegidos das “doenças tropicais”, da malária e de outras doenças infecciosas. Os projetos de saúde para alcançar esses objetivos foram operacionalizados pela agência bilateral que surgiu após o Terceiro encontro de

Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, no Rio de Janeiro, como resposta ao ataque japonês a Pearl Harbor. As conclusões do encontro eram que os países do hemisfério sul deveriam mobilizar recursos para a guerra, romper relações com a Alemanha e implementar políticas de saúde pública através de acordos bilaterais (CAMPOS, 2005).

O Programa de Enfermagem do SESP se iniciou oficialmente em agosto de 1942, quando o IAIA aprovou o projeto “Mais enfermeiras de Saúde Pública para o Brasil”, com o apoio da Associação de Hospitais Católicos dos Estados Unidos e as fundações Rockefeller e Kellogg (CAMPOS, 2008). Um estudo realizado pelo OCIAA sobre o ensino de enfermagem na América Latina, em 1943, mostrou um quadro complexo e variado para o qual não havia uma solução simples e abrangente. A enfermeira Elizabeth Tennant, do Conselho Internacional da Fundação Rockefeller, foi enviada para avaliar a situação da enfermagem no país e traçar um plano para reformulação dos padrões de formação profissional:

O relatório Tennant sugeriu que o Ministério da Educação e Saúde supervisionasse as escolas de enfermagem a serem criadas em todo o país e que o SESP fosse responsável pela organização das quatro primeiras escolas: *no Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Belém* (grifo nosso) (CAMPOS, 2008, p. 884).

O apoio do SESP e da Fundação Rockefeller foram fundamentais para a criação da EEUSP, que também prestou auxílio a estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro (Escola de Enfermagem Luiza de Marillac) e Niterói (Escola de Enfermagem Fluminense), além das escolas da Bahia, Amazonas, Pernambuco, entre outros (CAMPOS; OGUISSO, 2013). Esperava-se que a EEUSP ampliasse o número de enfermeiras profissionais no Brasil. Mulheres de diferentes estados eram convocadas a ingressar na profissão, que prometia oferecer “[...] oportunidades excepcionais para as jovens que queiram se dedicar à saúde pública” (FSESP, dossiê 15). Segundo Campos e Oguisso (2013), a EEUSP também auxiliaria em programas mantidos pelo SESP como centro irradiador de modernas tecnologias assistenciais. A escola paulista deveria ter um número considerável de bolsistas que, ao terminar o curso, retornariam às suas regiões de origem para propagar o aprendizado recebido nos anos da formação profissional.

As Figuras 1 e 2 foram retiradas de um folder distribuído pela EEUSP com o objetivo de divulgar a qualidade da formação oferecida naquela instituição de ensino e auxiliam na

compreensão sobre as estratégias utilizadas para o convencimento de mulheres a escolherem a enfermagem como profissão.

Figura 1 – Capa do folder da Escola de Enfermagem da USP.



Fonte: FSESP, dossiê 15.

Figura 2 – Página do folder da Escola de Enfermagem da USP.



Fonte: FSESP, dossiê 15.

Na Figura 1, uma enfermeira é apresentada com uma roupa jovial, além de utilizar uma capa que pode ser lida como alusiva à figura de uma heroína. Como será possível observar, era recorrente o discurso sobre uma característica nobre presente na profissão, que ajudaria a cuidar de indivíduos da nação. O texto que acompanhava as imagens do internato

no qual as estudantes permaneceriam ao longo da formação (Figura 2) reforçava a ideia de “modernos métodos de ensino” na articulação entre teoria e prática, possível a partir de 1200 leitos disponíveis no Hospital das Clínicas de São Paulo. Essas informações estavam dispostas acima de uma fotografia que retratava um momento de descontração das enfermeiras em um salão comum.

É possível imaginar a impressão que essas produções textuais e imagéticas causavam em mulheres residentes em cidades distantes da capital paulista, com poucas oportunidades de formação e aspiração profissional, como era o caso de Itapipoca. Segundo Carlos et al. (2014), em relação às escolas de enfermagem da Região Nordeste do Brasil, os primeiros registros datam da década de 1940, durante o Estado Novo (1937-1945), e coincidem com o processo de industrialização, urbanização das cidades e ampliação da rede previdenciária através da criação dos fundos sociais. As primeiras iniciativas teriam ocorrido ligadas a grupos religiosos e ocorreram nas cidades de Fortaleza, Ceará, e em Recife, Pernambuco, todas com o intuito de oferecer formação profissional qualificada para os serviços de saúde, e, na maioria das vezes, sob o gerenciamento das próprias ordens religiosas. No estado do Ceará, o ensino de enfermagem se iniciou oficialmente somente em 1943, pelo Decreto-Lei nº 21.885 de 26 de setembro de 1946, com a criação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo. A instituição nasceu dos cursos de Emergência de Voluntários Socorristas e de Defesa Passiva Antiaérea, ministrados no Patronato de Nossa Senhora Auxiliadora, de agosto de 1942 a 1943, dirigido pelas irmãs de Caridade e com duração de 4 meses (NÖBREGA-THERRIEN; ALMEIDA; SILVA, 2008).

Provavelmente Maria Clayde estava informada do processo que originaria a Escola de Enfermagem de Fortaleza, mesmo que tenha escolhido estudar em outro estado. Ela era próxima de pessoas que atuavam no campo da saúde em diferentes lugares do Nordeste. Quando solicitada a indicar nomes de pessoas que oferecessem referências sobre sua procedência, apontou a enfermeira baiana Haydée Guanais Dourado; o médico Hider Correia Lima, do DNSP no Ceará; e o médico José Banvarth Bezerra, do Laboratório Eduardo Bezerra (FOLHA, 1944).

Hider Lima e José Bezerra eram integrantes das elites médicas locais, o que indica o trânsito social proporcionado pelo núcleo familiar de Maria Clayde. Na tentativa de compreender como se deu o seu contato com Haydée Guanais Dourado, professora da EEUSP

e primeira diretora da EEUFBA, destaca-se que, nos primeiros anos da década de 1940, Dourado viajou pelo Brasil em busca de bolsistas para estudarem em São Paulo financiadas pelo SESP e que, posteriormente, contribuiriam com a formação de outras Escolas de Enfermagem do país (DOURADO, 8 set. 1993). Para além disso, Isnard Teixeira, tio com quem Maria Clayde morou, era casado com Anita Guanais Dourado, enfermeira diplomada pela Escola Anna Nery e irmã de Haydée. Certamente essa teia de relações, que se conseguiu identificar pelo método onomástico, favoreceu o contato entre elas (BARREIRA; BAPTISTA, 2002).

O capital cultural da candidata Maria Clayde, esperado entre as mulheres ingressantes na enfermagem moderna, pode ser observado por meio dos livros que ela afirmou ter lido antes de ingressar na EEUSP e que podem ter contribuído para que se tornasse uma bolsista SESP potencial. Ela citou livros de autoria de Érico Veríssimo como *Música ao longe*, publicado originalmente em 1936, e *Gato preto em bola de neve*, de 1941, o qual apresenta um relato do mesmo autor sobre uma viagem realizada à América do Norte como parte da Política da Boa Vizinhança estabelecida entre Brasil e Estados Unidos. Além disso, são mencionados livros que se tornaram clássicos da literatura brasileira como *Helena*, de Machado de Assis, publicado pela primeira vez em 1876. E, também, *Os grandes benfeitores da humanidade*, obra de Francisco Aquarone, de 1891. Por fim, Maria Clayde informou que leu *Madame Curie*, uma biografia de Marie Sklodowska-Curie (1867–1934), primeira cientista mulher a receber aclamação internacional, publicado em 1937 e escrito por sua filha Ève Curie. Quando analisados em conjunto, os livros apontam para um roteiro de leitura que ia desde a literatura publicada no século XIX até livros recentes que a ajudariam a se aproximar do *American way of life*, o que era recomendado para uma mulher que aspirava ingressar em uma instituição de ensino financiada por estadunidenses naquele contexto.

A justificativa para ingressar na EEUSP, utilizada pela candidata a enfermeira e transcrita a seguir na íntegra, aponta diferentes fatores pessoais e sociais que a influenciaram: desde a ideia de uma missão realizada por meio do cuidado do outro – característica de gênero atribuída às mulheres – até elementos do ambiente sociofamiliar em que vivia, com a presença de muitos parentes e amigos que se dedicavam às profissões de saúde:

O meu ideal é ser enfermeira. Causas diversas concorreram pra tão grande simpatia pela profissão. Sendo membro de uma numerosa família desde

cedo lutei com irmãos menores sentia então, que despertava em mim uma ideia de dor.

Compreendi que eu poderia ser útil à humanidade, galgando a missão de enfermeira para bem servir à coletividade com o auxílio confiante dos meus préstimos, proporcionando bem estar àqueles entes sofredores. Meu pai sempre se preocupou para com os desprotegidos, amparando-os.

Meu irmão, estudante de medicina, com o mesmo ideal, com o mesmo sentimento de batalha para ser um vulto benemérito da sociedade.

Eu, que já trazia tendência para tal, ainda mais estimei os meus sentimentos, passei a residir na casa de tios médico e enfermeira, os quais com aprimorada dedicação empregam todas as possibilidades afim de cumprirem os seus deveres.

E atualmente com essa sanguinária conflagração mundial, percebo o quanto é relevante o papel que a enfermeira desempenha. Diante desta situação procuro pôr em prática os meus planos, sendo mais uma parcela para os serviços prestados à minha pátria. (FOLHA, 1944, p. 4).

Os argumentos apresentados estavam conectados com as representações sobre enfermagem naquele momento, o que pode ter sido utilizado por Maria Clayde como estratégia para ser aceita. Além dos elementos já destacados, ela fazia menção ao conflito mundial da Segunda Guerra, que corroborou para a ampliação do sentimento de nacionalismo na enfermagem daquele período. Campos e Oguisso (2013) afirmam, no entanto, que embora a enfermagem de guerra assumisse a representação pautada no voluntarismo patriótico em detrimento da formação científica, essa última caracterizou a fundação da EEUSP que, ao propiciar um ensino eminentemente acadêmico, valorizava a pesquisa científica como fundamento para uma boa assistência de enfermagem.

Em 1944, a jovem ingressou na instituição paulista e se formou na turma de 1947. Ela teve como professoras enfermeiras que estudaram no Canadá para fundar a EEUSP, como Zilda Carvalho, Gleite de Alcântara e Maria Rosa Sousa Pinheiro. Além disso, Ella Hasenjaeger, presidente da Comissão de Programa de Enfermagem do SESP.

A contribuição para a criação e consolidação da EEUFBA

A EEUFBA foi criada com o apoio do SESP e teve como primeira diretora a enfermeira Haydeé Guanais Dourado, a convite do então Reitor da Universidade da Bahia, Edgard Santos. Segundo Elizete Passos (2012, p. 80), a indicação de Dourado para o cargo significava uma continuidade em relação à orientação pedagógica e ideológica seguida pelas escolas de enfermagem brasileiras, “[...] o que pode ser comprovado pela decisão da primeira Diretora

em convidar para compor o corpo docente da nova escola suas ex-alunas da Escola de Enfermagem da USP e ex-colegas da Escola Anna Nery”.

Cumprindo missão atribuída a uma bolsista SESP, Maria Clayde se tornou uma dessas profissionais. Exceto aquelas que contraíram matrimônio e abdicaram da profissão, as demais bolsistas da sua turma se espalharam por diferentes projetos no país, como os da Bahia, Rio de Janeiro e Pará, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – Bolsistas SESP da classe 1947.

	Nome	Local de Trabalho
1	Ana Abigail Mota de Siqueira	Sesp: Belém – Pará
2	Celina Jaeger Birnfield	Hospital das Clínicas – São Paulo
3	Else Maria Paes Barreto	Casada
4	Garcília do Lago Silva	Sesp: Belém – Pará
5	Helena Biebhachewski	Hospital das Clínicas – São Paulo
6	Iris Vieira de Moraes	Casada
7	Isabel Maria de Mesquita	Hospital das Clínicas – São Paulo
8	Jacy de Souza Moraes	Caixa Aposent. Esp. Sorocabana – São Paulo
9	Jesuína de Oliveira Martins Evangelista	Hospital das Clínicas – São Paulo
10	Josefina de Mello	Sesp: Belém – Pará – U.S.A.
11	Jovita F. Malheiros Prado	Recife – Pernambuco
12	Lydia das Dores Matta	Belém – Pará – Escola de Enfermagem Magalhães Barata
13	Lucia Conceição Costa	Rio de Janeiro – Escola de Enfermagem Rachel H. Lobo
14	Maria Clayde Teixeira Barroso	Hospital das Clínicas – Bahia
15	Maria de Lourdes Almeida	S.E.S. Araraquara – São Paulo
16	Maria Perales Ayres	Hospital das Clínicas – São Paulo
17	Minervina Zoghbi	Hospital das Clínicas – São Paulo
18	Moema dos Santos Guedes	Casada
19	Nadyr Correia Viana	Escola de Enfermagem de São Paulo
20	Ruth Cruz Gentil	Casada

Fonte: Centro Histórico Cultural da Enfermagem Ibero Americana, Escola de Enfermagem da USP.

Maria Clayde trabalhou como docente na EEUFBA entre os anos de 1947 e 1978 e, mesmo com os conflitos entre Edgard Santos e Haydeé Dourado, que culminaram com o retorno da última a São Paulo, permaneceu entre os baianos atuando como instrutora de Enfermagem Médica na EEUFBA.

Embora não tenha sido possível encontrar vestígios da sua prática cotidiana, destaca-se que o fato de trabalhar no hospital lhe colocava em sintonia com uma das principais características do ensino nas Escolas de Enfermagem patrocinadas pelo SESP: a centralidade enfermagem hospitalar. Em carta de 20 de setembro de 1944, emitida pelo *staff* do SESP, no Rio de Janeiro, para orientar a construção da EEUFBA, se defendia que “[...] a enfermagem moderna só pode ser ensinada onde ela é praticada” (EXPERIÊNCIA, 1944, p. 1). Não se

cogitava a possibilidade de formar enfermeiras que não vivenciassem o hospital ao longo da trajetória acadêmica. Conseqüentemente, propunha-se a existência de um nosocômio que estivesse sob a direção da Escola de Enfermagem, com certo número de enfermeiras diplomadas “com experiências e boas credenciais” sempre de plantão nos diversos setores do hospital. Esse serviço deveria funcionar 24 horas por dia, todos os dias do ano (EXPERIÊNCIA, 1944, p. 1). Como não havia muitas enfermeiras diplomadas disponíveis para os serviços de hospitais e de escolas, era considerado importante que o Hospital das Clínicas da Bahia garantisse o maior número dessas profissionais quando suas enfermarias fossem inauguradas. Ao ser contratada pela EEUFBA, Maria Clayde (Figura 4) assumia um papel importante para o cumprimento dessa determinação.

Nos anos que se seguiram, a formação profissional da enfermeira foi financiada pela Fundação Rockefeller para estudo no exterior, com o intuito de retornar ao Brasil e se tornar supervisora e coordenadora de enfermagem médica (FELLOWSHIP, s.d.). Embora a agência filantrópica internacional não tenha investido na criação de uma escola de medicina/saúde pública modelo na UFBA, a exemplo do que fez com a Escola de Higiene e Saúde Pública de Johns Hopkins (FEE, 2016) e com a Faculdade de Medicina de São Paulo (MARINHO, 2013), ela pulverizou auxílios em diferentes departamentos da instituição. Nos anos 1920, ofereceu bolsas aos médicos da Faculdade de Medicina da Bahia (BATISTA, 2020) e, nas décadas de 1950 e 1960, às professoras da Escola de Enfermagem (BATISTA; FERREIRA, 2023).

Figura 4 – Maria Clayde na EEUFBA.



Fonte: Museu Haydeé Guanais Dourado, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

Naquele momento, Maria Clayde tinha 32 anos, já havia contraído matrimônio – passando a se chamar Maria Clayde Teixeira Barroso de Oliveira – mas não abandonou a carreira na enfermagem. Em 10 de junho de 1955, sua bolsa foi aprovada e, em 3 de agosto de 1955, ela chegava aos Estados Unidos para receber orientações no Serviço de Enfermeiras Visitadoras de Rochester e passar um ano na Escola de Enfermagem de Toronto ou outro programa autorizado (FELLOWSHIP, s.d.).

Inicialmente ela teve dificuldades com a língua inglesa, aspecto comum entre estudantes brasileiros financiados pela Rockefeller. Mas rapidamente se adaptou e, na avaliação de 16 de setembro de 1955, afirmava-se que:

Relatório do trabalho de B [Barroso] de Rochester. “A Sra. Oliveira tem sido uma visitante muito cooperativa desde o início de sua experiência aqui”. B [Barroso] estava preocupada com sua dificuldade de linguagem no início, mas quando ela se acostumou com nossas vozes e dicção, ela ficou mais à vontade e descobriu que o seu inglês é bom. B [Barroso] tem excelentes padrões profissionais para si mesma e também espera o melhor dos outros. “Ela tem sido autogerida em sua leitura e muito conscienciosa”. (FELLOWSHIP, s.d., p. 2).

As avaliações eram inseridas nos cartões de bolsistas, como meio de acompanhar o desempenho das enfermeiras financiadas pela Fundação Rockefeller. Ser considerada como portadora de “excelentes padrões profissionais” é um indicativo de como a formação em enfermagem, realizada no Brasil (EEUSP), se constituiu a partir de referenciais de qualidade e como, possivelmente, a atuação de Maria Clayde na EEUFBA seguia esses padrões.

Entre 19 de setembro de 1955 e 5 de julho de 1956, ela frequentou a Escola de Enfermagem de Toronto, considerada a “Meca” das enfermeiras financiadas pela Fundação Rockefeller, que apoiou a sua constituição. A partir da ideia de “efeito-demonstração”, a agência filantrópica propôs o financiamento à instituição de ensino canadense pelo período de cinco anos, quando o Estado deveria assumir sua manutenção. Embora a aprovação do Conselho da Rockefeller tenha ocorrido em 1929, somente em 1932 a parceria foi estabelecida. A escola foi organizada em 1 de julho de 1933 e recebeu sua primeira turma em 1 de setembro do ano seguinte, em um prédio adequado. As principais características do curso de enfermagem oferecido eram: 1. Alguma redistribuição da teoria, 2. Seleção mais adequadas de serviços hospitalares para o trabalho das enfermeiras, 3. Apresentação mais precoce e constante da medicina preventiva, 4. Maior quantidade de experiência prática no trabalho de saúde pública (ROCKEFELLER, s.d.).

A Escola de Toronto também recebia estudantes para outras experiências, voltadas à observação, e não apenas aos cursos de graduação e especialização. Em 16 de fevereiro de 1956, o cartão de bolsista de Maria Clayde registrou que a enfermeira Miss Fidler consentiu organizar um programa de observação para ela em Toronto, de 18 de maio a 5 de julho e, por isso, solicitou a extensão da sua bolsa por mais duas semanas (FELLOWSHIP, s.d.). A enfermeira brasileira fez exames e foi aprovada, visitou a MacMaster University, campus Hamilton; a Escola de Enfermagem de Toronto; o Weston Sanatorium; o Toronto Western Hospital; e o Toronto General Hospital, experiências que certamente agregaram ao seu trabalho no Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia. Em 19 de julho de 1956, Maria Clayde retornou de Nova York para seu país de origem, no “vapor Brazil”.

Considerações finais

O estudo de trajetórias profissionais não ocorre desprezado dos desafios mais amplos da profissão histórica, marcados, por exemplo, pelos limites das fontes. Contudo, segundo Benito Schmidt (2004, p. 22-23), a recomposição da vida dessas personagens pode ocorrer a partir de um diálogo micro histórico, a partir da redução da escala de observação, com um estudo intensivo do material documental e a compreensão da representatividade da personagem analisada. Por mais singular que seja um indivíduo, existem sempre pontos de contato entre suas vivências e concepções e as de seus contemporâneos, pois todos compartilham em maior ou menor grau determinados códigos culturais que permitem a convivência e a comunicação.

Deve-se, ainda, ter o cuidado de não tentar explicar o indivíduo pelo contexto ou mesmo o contexto pelo indivíduo. Há de se perceber uma permanente tensão entre constrangimentos sociais e liberdades individuais, visto que as personagens históricas tiveram diante de si um futuro incerto e indeterminado no qual fizeram escolhas, num campo de possibilidades historicamente determinadas (SCHMIDT, 2004, p. 24). A trajetória de Maria Clayde Teixeira Barroso atravessa o processo de profissionalização da Enfermagem brasileira e apresenta individualidades de uma mulher, entre tantas outras nordestinas, que migraram para o Sudeste para estudar enfermagem.

A enfermagem profissional no Brasil se iniciou com a Escola Anna Nery, como já afirmado, e atraía mulheres de diferentes estados para o Rio de Janeiro. Um desses exemplos

é o núcleo familiar das Guanais Dourado, que além de Haydeé, enviou, pelo menos, Annita, Aldair e Radcliff Guanais Dourado para a Escola de Enfermagem carioca. Contudo, a criação da EEUSP foi marcada por acordos institucionais – sustentados pelo SESP – que deram maior densidade ao convite e manutenção de candidatas.⁵ Mais do que isso, proporcionou locais de atuação bem definidos em um projeto internacional ligado às atividades norte-americanas no Brasil e à ampliação do número de escolas no país.

A trajetória de Maria Clayde é exemplar de como mulheres que residiam em outros estados foram interceptadas e estimuladas a atuar nesse projeto. Vinda de uma família com notada influência política no estado do Ceará, ela já tinha contato com as profissões de saúde no próprio círculo de convivência. O fato de ter um tio médico e uma tia enfermeira foi apontado como uma das motivações para também seguir a enfermagem, além da influência do irmão, que também era estudante de medicina.

Outro aspecto de destaque é a bagagem cultural acumulada por ela, em consonância com o perfil esperado para estudantes de enfermagem, o qual deveria contribuir para desvincular a profissão das habilidades manuais. A enfermagem moderna divulgada pela EEUSP apresentava, em seu próprio material de divulgação, uma profissão que abria novos campos de atuação e a necessidade de mobilizar uma gama ampliada de conhecimentos.

Contudo, a jovem estudante cearense que se sentiu interpelada por esse projeto mais amplo também imprimiu nele seus desejos em escolhas pessoais. Abriu mão de ingressar em uma escola na cidade em que fez o curso normal, Fortaleza – o que seria mais cômodo, por permanecer perto dos seus familiares – provavelmente por influência de Haydeé Guanais Dourado. Estudou em São Paulo e assumiu um posto de trabalho em um outro estado, a Bahia.

Diferente de outras mulheres que se casaram e abandonaram a profissão, ela contraiu matrimônio, permaneceu na área de atuação e, mais, viajou para os Estados Unidos sozinha, o que certamente era considerado inadequado para uma mulher nos idos dos anos 1950. Em seu retorno, continuou a contribuir com a EEUFBA, com a bagagem intelectual constituída na observação da enfermagem internacional.

⁵ Destaca-se que, diferente da Escola Anna Nery, que só permitia o ingresso de mulheres, a EEUSP possibilitou a matrícula de homens para o curso de enfermagem. Contudo, como esses formaram uma pequena exceção, pelo menos até a década de 1960 – o que pode ser atestado pelas fichas analisadas na EEUSP – nos referimos a enfermeiras, no feminino.

O breve exemplo apresentado, sobre a vida profissional de Maria Clayde, teve como objetivo mostrar que o estudo de trajetórias femininas nas ciências pode visibilizar histórias pouco ou não conhecidas na historiografia, ao mesmo tempo em que a análise das relações entre o individual e o coletivo pode explicar os rumos que essas mulheres decidiram trilhar, a partir de suas escolhas nos contextos vivenciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRA, Ieda de Alencar. Transformações da prática da enfermagem nos anos 30, *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 52, n. 1, p. 129-143, 1999.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Bolsistas da Fundação Rockefeller e a internacionalização da saúde brasileira: viagens de médicos da Faculdade de Medicina da Bahia aos Estados Unidos (1920-1925). In: BATISTA, Ricardo dos Santos; SOUZA, Christiane Maria Cruz de; SILVA, Maria Elisa Lemos Nunes da (Orgs.). *Quando a história encontra a saúde*. São Paulo: Hucitec, 2020.

BATISTA, Ricardo dos Santos; FERREIRA, Luiz Otávio. Haydée Guanais Dourado e a criação da Escola de Enfermagem da Bahia (1946-1947): conexões locais, nacionais e internacionais. In: BATISTA, Ricardo dos Santos; SOUZA, Christiane Maria Cruz de; CHAVES, Cleide de Lima; FERREIRA, Luiz Otávio (Orgs.). *História da saúde: relações de gênero, educação, instituições e personagens*. Salvador: Devires, 2023.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. Cooperação internacional em saúde: o serviço especial de saúde pública e seu programa de Enfermagem. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 897-88, 2008.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. O Serviço Especial de Saúde Pública: políticas internacionais e respostas locais. *História em Revista*, Pelotas, v. 11, p. 37-61, dez. 2005.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *Políticas internacionais de saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. *Enfermagem no Brasil*. São Caetano do Sul: Yendis, 2013.

CARLOS, Djanilson José Delgado et al. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). *Rev Rene*. Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 326-333, mar.-abr. 2014.

CENTRO HISTÓRICO CULTURAL da Enfermagem Ibero Americana. *Relação de Bolsistas SESP, ano 1947*. Escola de Enfermagem da USP.

EXPERIÊNCIA PRÁTICA em enfermagem para uma escola de enfermagem (1944). Fundo FSESP. Centro de Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. BR/Fiocruz/COC/FSESP/AMS/00/US/00/100.

FARLEY, John. *To cast out disease: a history of the International Health Division of the Rockefeller Foundation (1915-1951)*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

FEE, Elizabeth. *Disease and Discovery: a History of the Johns Hopkins School of Hygiene and Public Health, 1916-1939*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2016.

FELLOWSHIP Card. *Maria Clayde Teixeira Barroso de Oliveira*. Rockefeller Archive Center.

FERREIRA, Luiz Otávio. As guardiãs da saúde: representações e características socioculturais de enfermeiras domésticas do Rio de Janeiro, 1880-1910. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 12, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/75177>. Acesso em: 8 fev. 2023.

FOLHA DE ASMISSÃO de Maria Clayde Teixeira Barroso. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 4 de janeiro de 1944.

FSESP. Dossiê 15. Centro de Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro. BR. FIOCRUZ – COC/ FSESP/MAS/00/US/00/15.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo (Orgs.). *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

DOURADO, H. G. *Entrevista realizada por Therezinha Vieira em 8 de setembro de 1993*. Museu Haydeé Guanais Dourado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. NUMEE.DG.258_F1-F13.

MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha. Elites em negociação: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo (1916-1931). In: MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha; MOTA, André (Orgs.). *Caminhos e trajetos da filantropia científica em São Paulo*. São Paulo: USP/UFABC/CD.G de Soluções Editora, 2013.

MEDEIROS, Helloana Rafaela Oliveira de. *Poder local versus política local: a câmara de vereadores de Itapipoca (1824-2012)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

NOBREGA-THERRIEN, Silvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar de; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Ensino de enfermagem do Ceará de 1942-1956: a memória que projeta o futuro. *Revista Brasileira de Enfermagem*. v. 61, n. 1, fev. 2008.

PADILHA, Maria Itayra et al. Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). *Rev Rene*, v. 15, n. 2, p. 326-333, 2014.

PAIM, Lygia. A formação de enfermeiros no Brasil na década de 70. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 54, p. 185-196, 2001.

PASSOS, Elizete. *De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras*. Salvador: Edufba, 2012.

ROCKEFELLER Archive Center. RF records, Projects, SG1.1, Series 300-833, Canada, Nursing Subseries 427, s.d.

SANTOS, Tânia Cristina Franco et al. Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920. *Rev. esc. enferm. USP*, v. 45, n. 4, ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/ZQ8RwDW8bYJ6dCFMxqLZvvg/?lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2023.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo, 2020.